



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração do Centro Internacional Sarah de  
Neurorreabilitação e Neurociências**

**Rio de Janeiro – RJ, 1º de maio de 2009**

O problema é que, como nós temos que fazer discursos todo dia e toda hora, um dia a gente pode cometer um erro e o discurso não sair bem.

Eu queria apenas lembrar a vocês um episódio na construção deste Sarah. Mais ou menos no mês de julho de 2006, o Gilberto Carvalho, que é do Conselho do Sarah – meu chefe de gabinete – me disse que a Lucinha e o Aloysio queriam conversar comigo. Eu não sei se foram os dois ou se foi a Lucinha sozinha. Chegaram lá e me contaram a seguinte história: a construção do Sarah, aqui no Rio de Janeiro, estava sendo paralisada porque o Ministério da Saúde não tinha transferido R\$ 900 mil e os 300 trabalhadores que estavam trabalhando aqui já tinham sido afastados e, portanto, ia parar a construção do hospital.

Eu achei tão abominável parar um hospital por conta de R\$ 900 mil! Obviamente, o Ministro da Saúde não sabia. Certamente, um dos companheiros que exercem de forma muito dura o controle da burocracia estatal entendeu – porque certamente nunca tinha visitado a Rede Sarah, certamente não sabia como estava a obra aqui – suspendeu porque [entendeu que] na contabilidade do Ministério R\$ 900 mil tinham que ser contidos lá nos cofres do Ministério da Saúde e não passar.

Na hora em que a Lucinha estava conversando comigo, eu liguei para o Ministro, e no dia seguinte o Ministro disse que estava autorizado a passar. Eu fiz questão de vir aqui. Ainda pedi para a Lucinha contratar os mesmos trabalhadores que estavam trabalhando, e nós viemos aqui com os R\$ 900 mil para dar sequência à construção do hospital.



Hoje nós estamos aqui colhendo colírios para os nossos olhos, de ver essa coisa excepcional. Eu, que já vi muitas vezes, talvez não tenha a sensação que tem uma mãe, um pai ou um paciente do Sarah quando entra aqui pela primeira vez, e se dá conta de que ele está entrando numa coisa diferente, numa coisa nova, numa coisa limpa, numa coisa com os funcionários com um sorriso no rosto para atender as pessoas. Logo de cara eles compreendem que não são os médicos apenas que vão tratar deles; que os familiares precisam se envolver e virarem médicos, virarem enfermeiros, virarem tudo para ajudar coletivamente a resolver esse problema.

Eu acho que é uma coisa dignificante um país ter uma instituição como a Rede Sarah para servir de paradigma numa determinada área da Saúde, de como a gente pode humanizar a vida das pessoas que estão doentes. Imaginem que nós temos um preconceito no Brasil, um preconceito que leva tempo... eu entendo que é uma questão cultural, tem um pouco de questão ideológica, mas houve um tempo em que as pessoas diziam que não era possível investir na Rede Sarah porque era caro. Se a gente for analisar o custo de um paciente na Rede Sarah a gente vai chegar à conclusão de que é mais barato do que um mau atendimento que um paciente recebe em outro hospital, seja público, seja privado, seja municipal, estadual ou federal.

Muitas vezes as pessoas confundem a quantidade de pessoas que está nos corredores com qualidade de tratamento. Muitas vezes as pessoas confundem a diminuição da jornada de trabalho com a melhoria da qualidade do atendimento. Nós não vamos resolver, em curto prazo de tempo, a divergência entre os sanitaristas e os patologistas. É uma guerra que todo mundo que é médico sabe que vai demorar um tempo, mas que nós vamos batalhando para as pessoas compreenderem que saúde não significa gasto para o Estado; significa investimento na recuperação de seres humanos.

Foi uma pena que este país viveu, no final de 2006, uma certa hipocrisia quando foi derrotada a CPMF no Senado. Possivelmente o imposto mais justo



que existia no Brasil, possivelmente o imposto que tinha o controle de muitas coisas que aconteciam no sistema financeiro brasileiro – em 2007, 0,38%. Nós tínhamos feito o PAC da Saúde para transferir R\$ 24 bilhões diretamente para a Saúde e, por pura ideologia... porque não tinha nenhuma questão. Certamente todos os que votaram contra são tratados na Rede Sarah quando ficam doentes ou são tratados no Incor. Nenhum vai a um hospital público da periferia se tratar. Mas votaram contra por ódio, votaram contra porque era preciso enfraquecer o governo do presidente Lula. “Nós não podemos deixar R\$ 40 bilhões na mão deste governo até 2010, porque daqui a pouco ele vai querer um terceiro mandato”. Uma cretinice ideológica e política sem precedentes na história deste país.

Todo mundo sabe que nós ainda temos no Brasil, minhas queridas Eva Wilma e Fernanda Montenegro, 17 estados brasileiros que não gastam, ou melhor, não investem os 12% previstos na Constituição, na Saúde. Alguns investem 6%, e todo mundo sabe que tratamento de qualidade custa caro, como custa caro uma roupa de qualidade, como custa caro um sapato de qualidade, como custa caro um carro de qualidade, como custa caro viajar de primeira classe para onde a gente queira viajar, ou seja, tudo o que for melhor custa um pouco mais caro. E nós precisamos, quase como obsessão, procurar o melhor para as pessoas, oferecer o melhor.

Por coincidência os países que oferecem menos qualidade de vida para o seu povo são aqueles chamados que têm a carga tributária menor do mundo. É só pegar os países pobres que têm uma carga tributária de 12% para ver o que acontece na qualidade dos serviços prestados pela União. Então eu... é uma coisa que, quando eu deixar a Presidência, deixarei com mágoa. Com mágoa porque a pequenez da política fez com que a gente tivesse um retrocesso naquilo que era o PAC da Saúde. Eu me lembro da defesa do então ex-ministro Adib Jatene, numa reunião que fizemos dentro do Palácio do Planalto, em que a maioria das pessoas chorou porque ninguém tinha



argumento contra, ninguém tinha argumento contra. Um dia a história do Brasil mostrará isso com muito mais nitidez, e as pessoas vão perceber que quando a pequenez, quando o jogo rasteiro toma conta da política, quem paga é o País, quem paga é o povo brasileiro.

Seria importante que todas pessoas viessem visitar o Sarah. Venham fazer turismo no Rio. Não sei por que os políticos do País inteiro têm que ter passagem para o Rio, mas tem. Então, seria importante que todos gastassem a passagem, vindo para o Rio, ir [indo] visitar o Pão de Açúcar, visitar o Cristo Redentor, tomar um banho em Copacabana, em Ipanema, e depois passar aqui no Sarah para ver que coisa extraordinária nós estamos oferecendo ao povo brasileiro. Eu não sei se na Dinamarca, não sei se na Suécia, não sei se nos Estados Unidos tem melhor que isto. Pode ter igual, melhor eu acho difícil ter.

Nós temos uma vantagem: como nós somos um país tropical de um povo tropicalista demais, além de todas essas qualidades científicas, tecnológicas, nós temos uma qualidade, que é o jeito de ser do brasileiro, que é o sorriso, já provado e comprovado por todos os empresários que investem neste país – todos, sem distinção – seja alemão, seja espanhol, seja sueco, seja dinamarquês, seja francês, seja americano, todos que investem aqui. Quem participa de ato público de inauguração de fábrica sabe que já virou unanimidade que o trabalhador brasileiro é, na verdade, o mais preparado, é o que tem mais agilidade, mais criatividade e o que aprende em menos horas a exercer qualquer profissão. Então, além da qualidade do conhecimento, da competência nossa, dos nossos médicos, nós temos a oferecer algo mais, que pouca gente tem como nós, e sobretudo o povo do Rio de Janeiro.

Neste dia 1º. de Maio, vir aqui, para mim é motivo de orgulho. Também, a gente vai quebrando o tabu, companheiro Franklin, você que durante muito tempo foi analista político e agora está sendo analisado politicamente, você sabe muito bem: muitas vezes as pessoas pecam por entender... e no Brasil



essa hipocrisia... eu estou dizendo que ainda vou criar, antes de deixar a Presidência, o Dia da Hipocrisia neste país. Nós temos que criar o Dia da Hipocrisia neste país. Muitas vezes você contrata um médico para trabalhar aqui e paga, de entrada para ele, R\$ 10 mil ou R\$ 12 mil. Lá fora é muito, é marajá. Quantas vezes um especialista ganhar R\$ 15 mil é marajá... Já fica todo mundo horrorizado. Por quê? Porque o padrão e o paradigma é o salário mínimo, que é muito pouco, que é de apenas R\$ 465.

Eu me lembro que a cada coisa que a gente vai fazer aparece um jornal e diz assim: “O governo está gastando, porque daria para fazer dez casinhas, quatro barraquinhos, quatro coisas”. É sempre como se nós tivéssemos que comer comida de terceira categoria, como se nós não pudéssemos comprar nada, tivéssemos que ir à xepa às onze e meia da manhã. O Brasil sempre se comportou assim e nós, da classe política, temos responsabilidade, porque nivelamos por baixo o debate.

Eu estou vendo agora a hipocrisia do salário na Câmara. Parece um escândalo. Faça um levantamento na história da Câmara e veja se algum dia foi diferente. Sempre foi assim. Eu não sei por que as pessoas não têm coragem de assumir as coisas como elas são e se propor a mudar, e não as pessoas ficarem achando que cometeram um crime. Obviamente, o cidadão guardar passagem para viajar para a França é delicadíssimo, mas o cara levar a mulher para Brasília, o cara dar passagem para um sindicalista ir para Brasília, eu não vejo onde está o tamanho do crime que as pessoas estão vendendo. Se esse fosse o mal do Brasil, o Brasil não tinha mal.

Eu, de vez em quando, vejo as pessoas falarem... Um dia eu calei minha boca porque... quando as pessoas, uma vez, levaram uma campanha de marajá, tinha servidor público que ganhava R\$ 2 mil, ele ficou com tanto preconceito que ele achou que era marajá. Ele tinha vergonha de ganhar R\$ 3 mil. Um dia desses eu peguei um companheiro da Petrobras que eu achei que ganhava muito: R\$ 26 mil por mês. Eu falei: esse cara é um marajá, esse é



marajá. Aí, um belo dia, ele entra na minha sala e fala o seguinte: “Presidente, eu vim lhe comunicar que eu vou sair da Petrobrás”. Eu falei: algum problema? “Não, é que o Pão de Açúcar está me contratando e ele está me pagando R\$ 200 mil por mês e está pagando dois anos adiantados”. Eu falei: puxa vida, agora vai ser marajá mesmo. Aí, esse cidadão trabalhou seis meses no Pão de Açúcar. Outra empresa, que não vou dizer o nome, aqui do Rio de Janeiro, contratou ele pagando quatrocentos [R\$ 400 mil].

Na rede pública brasileira, uma pessoa ganhar R\$ 8 mil, é marajá. Eu não vou perguntar de público aqui para não envergonhar ninguém, mas se o Franklin pudesse dizer quanto ele ganhava na Rede Globo de Televisão como comentarista político, talvez ele ganhasse na Globo, no mês, o que ele ganha em um ano no governo federal. Ainda as pessoas dizem: “Ganha muito bem, ganha 8 mil, ganha 10 mil, está demais”.

Eu acho que o caro não é a gente pagar bem em função do merecimento profissional das pessoas. O caro é a gente contratar um monte de incompetente para fazer uma função nobre e ele não conseguir fazê-la corretamente. Eu falo com conhecimento de causa porque fui diretor de departamento médico do Sindicato e fui presidente. Nós tínhamos muitos médicos, muitos dentistas, e eu sei como as coisas funcionam. A ilusão de que você pode diminuir a quantidade de horas da jornada de trabalho como forma de prestar bom serviço é um ledão engano. Contrate um bom profissional por tempo integral e pague um salário decente, para ele não precisar ficar enganando o paciente. [Ele] finge que entra, mas não entra; finge que consulta, mas não consulta. Não dá certo.

Eu acho que a construção de mais um Sarah é, possivelmente, o começo da consolidação da mudança de paradigma conceitual sobre a Saúde no País. Nós podemos oferecer mais Hospitais das Clínicas neste país, nós poderemos oferecer mais Sarah, nós poderemos oferecer... É apenas a gente tomar a decisão de não entender que estamos gastando dinheiro. Se a gente



entende que está gastando dinheiro e a imprensa bate que o governo gasta demais, a gente vai fazer contenção e não investe. E nós queremos fazer mais, fazer mais UPA, fazer mais Sarah, fazer mais centros ortopédicos, fazer tudo o que for necessário fazer.

Eu dizia ontem para os companheiros que vieram aqui analisar o Rio de Janeiro para as Olimpíadas: este país... vocês têm que aprender que este país mudou. Este país não é mais aquele paisinho que andava de cabeça baixa. Eu aprendi, em 1976, que nenhum ser humano respeita um outro que não se respeita. A condição *sine qua non* para alguém me respeitar é, em primeiro lugar, eu me respeitar. Quando eu me respeitar e andar de cabeça erguida, os outros me respeitarão. Então, este país sempre andou de cabeça baixa. Eu disse para o COI: para a Espanha, as Olimpíadas são apenas mais uma Olimpíada, para Chicago são apenas mais uma, para o Japão são apenas mais uma. Para nós, é a autoafirmação de um povo e de uma nação que vive a provar, o tempo inteiro, que não é uma republiqueta de bananas; que é uma nação grande e poderosa.

Hoje vai ficar mais poderosa ainda, quando a gente pegar o primeiro barril do pré-sal. Quando a gente tirar o primeiro barril do pré-sal – eu tenho fé em Deus que vou recebê-lo daqui a pouco, e sujar a mão naquele petróleo – nós estamos [estaremos] começando a construir a nova fase da era da campanha “O petróleo é nosso”. Eu já disse: nós vamos fazer uma nova regulamentação do petróleo, e eu já disse que, com uma parte desse petróleo, nós vamos acabar com dois problemas crônicos neste país. Não vou ser eu, porque não vai dar tempo no meu governo, eu estou fora. Mas alguém vai ter que acabar com a fome neste país, definitivamente, e outra parte é para investir na Educação, que é o que vai tornar este país uma grande potência, definitivamente.

Espero que um dia, Lucinha – Deus queira que não – se eu precisar, um dia eu espero ter uma vaga no Sarah. Eu gostei daquele medidor de cérebro





ali, um negócio que... Talvez, daqui a alguns anos para a gente ser candidato a alguma coisa, a gente tenha que passar por aquilo ali para saber se tem parte boa, porque parece que aquilo ali não nega. Eu não sei... vamos ver se a gente um dia consegue melhorar as coisas neste país.

No mais, gente, eu estou feliz. Estou feliz por isso, pelo Sarah, estou feliz pela ThyssenKrupp ontem, estou feliz pelo petróleo hoje, estou feliz porque a gente está reconhecendo... esta semana eu tive uma visita daquelas que se a gente não tiver o coração bom, morre de infarto. Eu fui visitar uma colônia de hansenianos, a Colônia Pedro [Antônio] Aleixo, lá em Manaus. Falei com o Sérgio que quero visitar as que tem aqui no Rio de Janeiro. Nós aprovamos a aposentadoria... O Congresso aprovou o projeto de lei que nós mandamos, de aposentadoria dos hansenianos: R\$ 715 para as pessoas que ficarem em colônias. Eu fui visitar uma experiência extraordinária lá em Manaus. Foi feita uma casinha, pequena, é verdade, mas foi dada para eles uma casinha, uma geladeira, um fogão, uma mesinha com quatro cadeiras, e nós precisamos fazer isso pelo Brasil inteiro, porque essas pessoas foram as pessoas mais segregadas, não pelo Estado, pela própria família. Nós vimos histórias... Tem histórias que a gente conta, que este auditório aqui estaria em lágrimas, tal o sofrimento dessas pessoas que vivem ainda escondidas em muitos lugares.

Então, eu queria dizer para vocês que quando as pessoas falarem para vocês “é difícil governar este país”, não acreditem, não. Nós temos problemas sérios, como temos problemas em casa, como temos problemas no nosso clube de futebol, Serginho tem muitos com o Vasco da Gama, eu também. Por outro lado, eu estou bem com o Ronaldão. O “fofão” está fazendo tudo o que pode fazer.

Se a gente criar, neste país, compromissos com a sociedade brasileira, acho que fica muito mais fácil a gente fazer as coisas, e nós estamos conseguindo produzir muita coisa. De vez em quando a imprensa tenta vender





uma briga entre governo e Congresso. Eu acho que tem a briga normal da democracia, porque o Congresso tem ajudado muito nas coisas importantes que nós temos mandado. Então, eu sou um homem que sou capaz de deixar o governo sem mágoas, porque a desgraça de quem tem mágoa, é que só a gente sofre. Quando as pessoas fazem alguma coisa para magoar a gente, a intenção da pessoa é fazer você sofrer mesmo, fazer você ficar amargo. Então, eu acho que vou sair do governo bem. Bem porque não vou guardar mágoa de ninguém, não vou guardar ranço de ninguém. Não é que eu [vá] esquecer as coisas. Não quero esquecer nada, mas eu também não quero fazer daquilo parte da minha vida. A cada dia nós temos que construir um novo jeito de fazer as coisas e, quem sabe, a cada dia a gente possa encontrar alguém para melhorar ainda mais a Rede Sarah.

Eu quero cumprimentar todos vocês, cumprimentar o Aloysio e a Lucinha. Na verdade, parece a dupla Garrincha e Didi, ou Pelé e Coutinho, certamente, com profissionais qualificados, funcionários trabalhadores, e os nossos pacientes que estão ali.

Eu fui ver aquelas meninas dançando ali. Sinceramente, a gente precisa... como tem que tomar um comprimido para não vomitar quando a gente vai em um navio, a gente deveria tomar um comprimido para não chorar quando a gente vem visitar estas cenas extraordinárias, das pessoas se recuperando com uma vontade exuberante. Metade é a qualidade do Sarah, mas metade é a nossa disposição de fazer as coisas acontecerem.

Um grande abraço. Que Deus abençoe todos vocês e todos nós.

(\$211A)